

Fevereiro de menos pessimismo

Índice de Confiança do Consumidor da Fecomercio SP revela que paulistanos estão um pouco mais otimistas com os rumos da economia. A alta, verificada em fevereiro, é a primeira após três meses consecutivos de queda

Piervi Fonseca

Aline Salgado

aline.salgado@brasileconomico.com.br

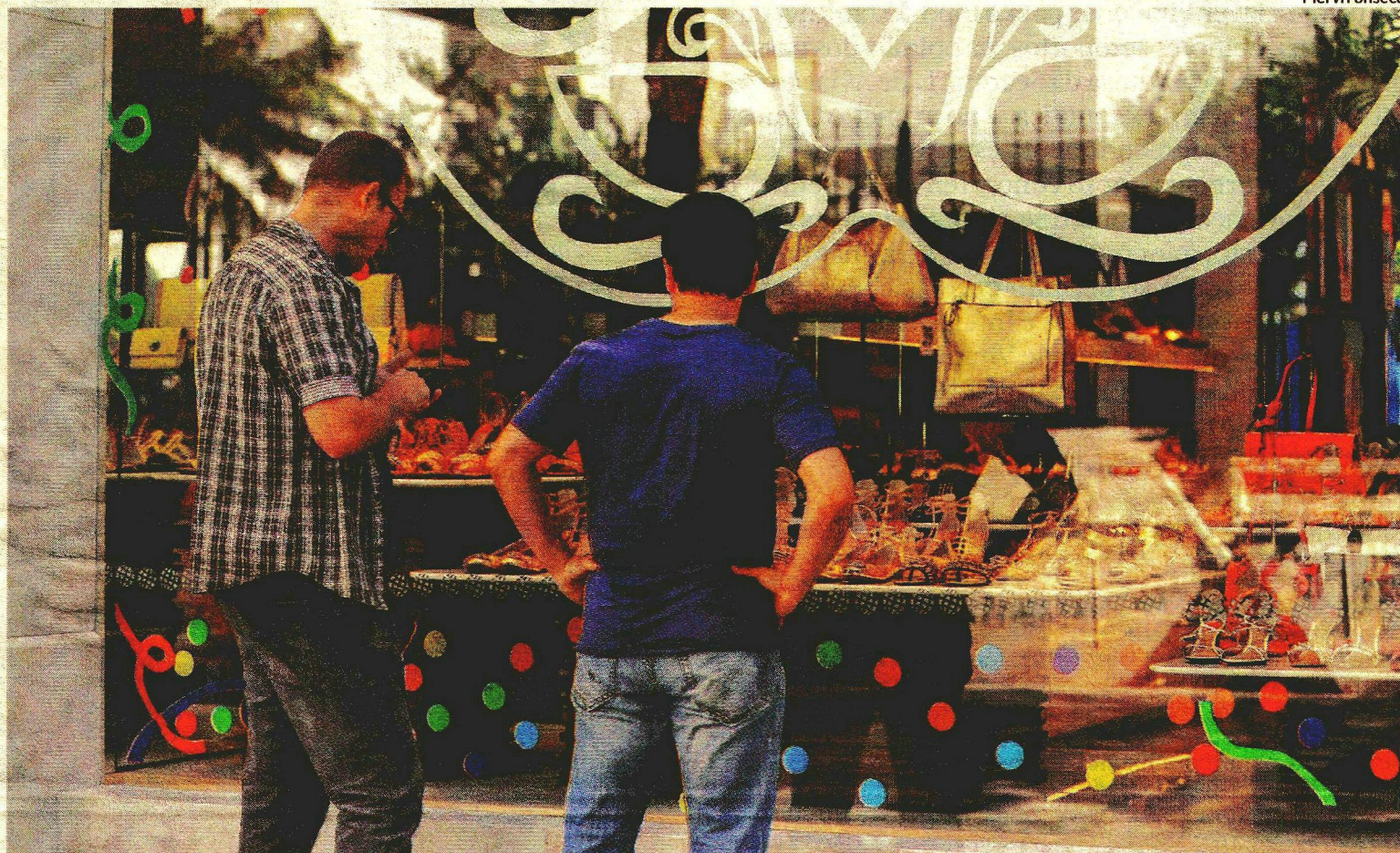
O impacto do reajuste do salário-mínimo, de 6,78%, sentido no fim de janeiro e início de fevereiro, pode ter mexido com os ânimos dos paulistanos. Pela primeira vez após três meses de queda, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), medido pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), mostrou uma alta. O ICC de fevereiro marcou 136,4 pontos, 4,66 pontos acima do mês anterior, quando registrou um índice de confiança regular de 131,74 pontos.

A relativa melhora no humor dos paulistanos frente às suas condições econômicas atuais e expectativas futuras no entanto não convenceu muito ao próprio economista da federação, Fábio Pina. Para ele, apesar da melhora no mês, desde o ano passado o ICC vem confirmando uma trajetória de baixo otimismo dos brasileiros em geral frente aos rumos da economia nacional.

“Se olharmos os números de julho para cá, verificamos que estamos num patamar médio de 130 a 140 pontos. Uma confiança abaixo da registrada no ano passado, que girou em torno de 160 pontos”, destaca Pina.

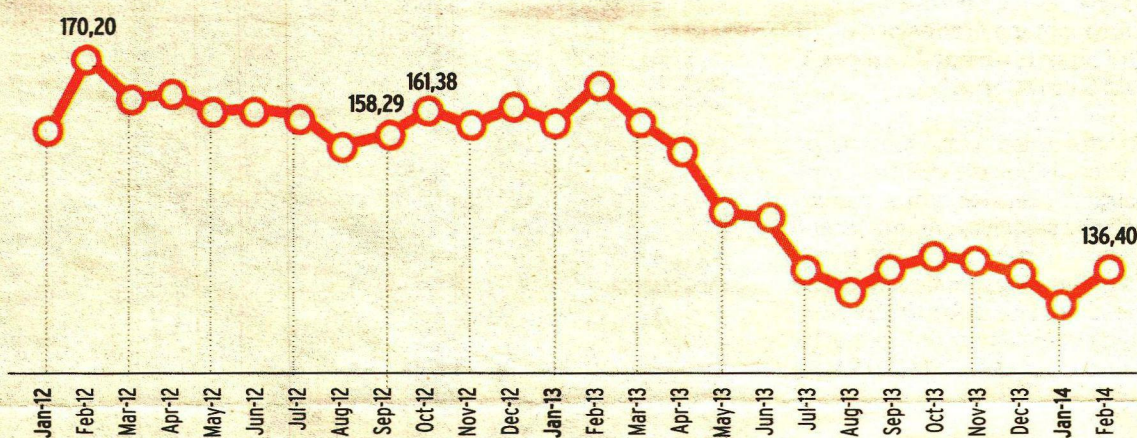
“Parte dessa melhoria na confiança reflete muito mais um ajuste estatístico, do que um sinal verdadeiro de que as coisas estão melhorando para a população. Será preciso esperar mais três meses para avaliarmos se essa alta se confirma e, então, se esse otimismo realmente se mantém”, conclui o economista da Fecomercio SP, que lembra que, assim como neste ano, o ICC dos meses de janeiro e fevereiro do ano passado refletiram também uma relativa melhoria no humor dos paulistanos, explicado pelo aumento do salário-mínimo.

A preocupação com a inflação dos alimentos, apesar da desaceleração no mês de fevereiro — como registrou o IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - 15) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que foi de 1,01% para 0,25% —; o aumento na taxa básica de juros, que deixou o crédito mais caro e as dívidas mais difíceis de serem renegociadas; e a preocupação quanto às perspectivas do mercado de trabalho são os principais fatores que vem mexendo com a confiança dos consumidores brasileiros,



Para economistas da Fecomercio SP e FGV, o medo da inflação é o principal fator que vem mantendo a confiança dos brasileiros em baixa

ICC-SP



Fonte: Fecomercio-SP

leiros, segundo avaliação da economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Viviane Seda. Coordenadora da Sondagem e Expectativa do Consumidor, o índice de confiança do consumidor do Ibre/FGV, Viviane destaca que os dados da Fecomercio SP são contrários aos que a FGV vem levantando nos últimos meses, no Brasil, no Rio de Janeiro e, inclusive, em São Paulo.

Segundo a especialista, o indicador confirma a trajetória de queda na confiança dos consumidores. “Tanto com relação ao momento presente, quanto ao futuro, o indicador de fevereiro repete o cenário dos meses anteriores. Isto é, em termos de média histórica, a confiança dos brasileiros está abaixo da média em todas as variáveis estudadas. Seja na situação econômica e financeira, e quanto ao emprego no

momento e no futuro. O índice caiu em todos os grupos. O que mostra, mais uma vez, uma avaliação ainda mais negativa do cenário econômico do país”, afirma Viviane Seda.

Para a economista, nem o reajuste do salário-mínimo foi suficiente para produzir grandes efeitos sobre o humor da população.

“Até quando se olha para a faixa de renda mais baixa, que geralmente tem um ganho no início do

“

Parte dessa melhoria reflete muito mais um ajuste estatístico do que um sinal de que está melhor para a população. Será preciso esperar mais três meses para avaliarmos se a alta se confirma”

Fábio Pina

Economista da Fecomercio-SP

ano por conta do aumento do salário-mínimo, o humor não foi afetado. Pelo contrário, houve uma queda na confiança. Talvez em função do menor ganho real obtido em 2014, comparado aos anos anteriores, já que temos uma inflação crescente, que se mostrou forte por conta dos reajustes das tarifas de transporte público. Além disso, o medo da inflação sobre os alimentos ainda é constante”, avalia Viviane Seda.